

Semelhanças e diferenças na escrita da história da África Centro-Occidental no século XVII: os casos de Cadornega e Cavazzi

*Ingrid Silva de Oliveira*¹

Resumo

Este artigo utiliza duas fontes clássicas sobre a história da África Centro-Occidental durante o século XVII: a Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola, de Giovanni Antonio Cavazzi, e a História geral das guerras angolanas, de Antonio de Oliveira de Cadornega. Buscamos realizar um trabalho comparativo entre as metodologias de pesquisa e escrita empreendida por estes dois autores e apontar hipóteses para a circulação desses textos. Cadornega e Cavazzi pertenciam a lugares sociais diferentes. Enquanto um era militar, português e cristão-novo, o outro era missionário, italiano e, ao que tudo indica, oriundo de uma família nobre. Dessa forma, as características dos textos e seus objetivos como autores são de grande importância para refletir sobre as semelhanças e diferenças de seus discursos. Entretanto, em que pese as diferenças, Cavazzi e Cadornega demonstram a intenção de registrar os feitos das instituições às quais representavam através da criação de uma memória fundamentada em seus próprios esforços pessoais no continente africano.

Palavras-chave: Cavazzi; Cadornega; África Centro-Occidental

Abstract

This article uses two classical sources for the study of the West-Central Africa during the 17th century: the Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola, written by Giovanni Antonio Cavazzi, and the História geral das guerras angolanas, written by Antonio de Oliveira de Cadornega. We demonstrate the similarities and differences in research methodologies and writing undertaken by these two authors and create hypotheses for the circulation of these texts. Cadornega and Cavazzi belonged to different social places. While one was a military, and Portuguese New Christian, the other was an Italian missionary, probably, from a noble family. Thus, the characteristics of texts and their goals as authors are important to think about the similarities and differences in their speeches. However, in spite of the differences, Cavazzi and Cadornega demonstrate the intention to register the deeds of the institutions that they represented by creating a memory based on their own personal efforts in Africa.

Keywords: Cavazzi; Cadornega; West-Central Africa

¹ Graduada e licenciada em História pela UFRJ (2007). Especialista em História da África e do Negro no Brasil pela UCAM (2009). Atualmente, é mestranda em história na UFRJ e bolsista do CNPq.

(...) o autor de uma relação de viagem, enunciando um discurso sobre uma novidade que se revelou ante o seu olhar, não é um fingidor que deliberadamente esconde o que viu ou que o transmuta em função de interesses, conveniências ou convenções. O estado de desequilíbrio de determinada estrutura mental é vivido interiormente por cada indivíduo que, no seu quotidiano concreto, procura captar, responder e organizar os dados da observação, a partir dos conceitos e noções de que dispõe e não de outras. São esses conceitos e noções, mas também a arquitectura do sistema mental nos seus fundamentos, quanto a noções centrais como seja a de causalidade, espaço ou de tempo, que guiam o olhar e tornam inteligível o que se observa. Essa operação é vivida interiormente e não resulta essencialmente de uma exigência que lhe seja exterior. Neste sentido, o autor conta o que viu não tanto em função do que pode ou não ser compreendido pelos seus leitores, mas sobretudo em função do que ele próprio compreende da realidade que observa.²

A citação acima, de Carlos Almeida, nos faz refletir sobre o processo de criação dos autores das crônicas e relatos de viagem da expansão portuguesa na África Centro-Occidental.

Para ele, o que determina a estrutura mental desses escritores são os conceitos e noções que possuem. Esses conceitos e valores participam de uma operação mental que é própria a cada um deles. Ou seja, o relato da experiência

vivida ou observada “não resulta essencialmente de uma exigência que lhe seja exterior”, já que o autor conta o que viu “em função do que ele próprio compreende da realidade”.

Apesar de se referir aos textos missionários, acreditamos que as observações de Almeida devem ser aplicadas a qualquer análise de relatos de viagem. Iniciamos nosso artigo com essa ressalva, pois ela norteia o nosso olhar diante das fontes que serão aqui analisadas. Defendemos a idéia de que os discursos europeus do século XVII sobre a África podem revelar outros elementos, além das características dadas aos espaços e sociedades africanas.

Para o estudo do passado da África Centro-Occidental, mais especificamente para a Angola portuguesa, existem dois textos primordiais. *A Istorica descrizione de' tre' Regni Congo, Matamba et Angola foi escrita pelo* capuchinho italiano Giovanni Antônio Cavazzi de Montecucolo, publicado na Itália em 1687³. Ele esteve em Angola em dois momentos. O primeiro período compreendeu os anos de 1654 a 1667, e o segundo entre 1673 a 1676. Em ambas as ocasiões, Cavazzi atuou como missionário na evangelização dos povos daquelas regiões. Foi a partir dessa larga experiência no continente africano que a Sagrada Congregação da Propaganda Fide instituição papal responsável pelas missões no ultramar

² ALMEIDA, Carlos. *A representação do africano na literatura missionária sobre o reino do Kongo e Angola*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, dissertação de mestrado, 1997, p. 23-24.

³ In LEITE DE FARIA, *Introdução*. In CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, Pe. João Antônio. *Descrição Histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*, Vol. I, p. XXII- XXIII.

— solicitou que o capuchinho escrevesse sobre o avanço da fé católica naquele território.

O outro texto é a *História geral das guerras angolanas*, escrita pelo militar português Antonio de Oliveira de Cadornega, que permaneceu como manuscrito até o ano de 1940⁴. Partindo de Portugal como soldado, chegou a Luanda no ano de 1639 e permaneceu no continente africano até o fim de sua vida, por volta de 1690. Apesar de ter vivido por mais de 50 anos em Angola, seu texto não foi fruto de nenhuma solicitação — como o discurso de Cavazzi — e sim uma iniciativa própria, que dedicou ao monarca português.

Os textos supracitados são fontes primordiais para a compreensão das sociedades africanas daquela região. Tais informações não se restringem aos séculos nos quais os autores viveram, elas se estendem até o século XV. No caso de Cavazzi, existem referências às primeiras missões católicas no Congo, e, em Cadornega, há descrições dos feitos dos primeiros conquistadores portugueses, ambos os acontecimentos pertencentes ao final do século XV. Nesse caso, é pertinente indagar como esses autores que viveram em Angola na segunda metade do século XVII obtiveram informações sobre tempos tão remotos e bem anteriores às suas presenças naquela região?

Acreditamos que essa resposta pode ser esboçada ao observarmos os métodos que tais cronistas utilizaram na

escrita de seus discursos, algo que pode ser identificado numa cuidadosa leitura dessas fontes e atentando para as indicações contidas em seus próprios textos. Para isso, realizamos a leitura de ambas as obras e identificamos os procedimentos que cada um dos autores empregou. Após a realização dessa identificação, foi possível realizar um trabalho comparativo entre essas duas fontes e perceber as semelhanças e diferenças em seus métodos. É interessante observar que os textos foram escritos, praticamente, no mesmo momento, ainda que com intencionalidades diferentes.

Para não nos determos na apresentação e comparação das fontes, procuraremos refletir sobre as condições de produção do discurso que, nestes casos, têm contextos e destinatários diferentes. Logo, inicialmente realizaremos uma breve introdução biográfica e contextual desses autores para, então, apresentarmos a análise comparativa referentes aos seus métodos. Além disso, apontaremos hipóteses para a circulação desses textos.

A vida de Cavazzi e sua obra

Descrição histórica

Galeotto Cavazzi nasceu em Montecuccolo, ducado de Módena, na Itália, no ano de 1621. Foi frade capuchinho e atuou em algumas regiões da África Centro-Occidental. Apesar de seu texto se propor a contar uma história dos reinos do Congo, Matamba e Angola, sabemos que Cavazzi não esteve, necessariamente, em todas essas regiões.

⁴ Ibid., p. XLII

As informações sobre seus pais são muito poucas, no entanto, Leite de Faria, ao analisar o assento do batismo de Cavazzi no ano de 1621, diz que seu padrinho foi o conde Maximiliano Montecuccoli. Tal conde era o grande senhor da região e pai do renomado general italiano Raimundo Montecuccoli, que atuou contra os Turcos na defesa do Império Austríaco⁵.

Em Bolonha, no ano de 1639, Cavazzi se tornou capuchinho no Convento de Cesena, quando mudou seu nome de Galeotto para Giovanni Antonio. Na Ordem dos Capuchinhos, mudava-se o primeiro nome e o sobrenome da família era suprimido. Seu nome passou a ser Giovanni Antonio de Montecuccolo, em referência ao seu local de origem. Segundo Leite de Faria, o capuchinho não quis deixar de fora o nome de sua família, ao realizar o livro, por isso, foi estampado o sobrenome Cavazzi em sua obra⁶.

O fato de ter sido apadrinhado por um nobre e sua preocupação em deixar seu nome de família registrado em sua obra, nos faz acreditar que Cavazzi tinha uma ascendência nobre. O fato de ter seguido a vida eclesiástica também nos parece um indicativo desse fato.

Em 1643, quatro anos após ingressar na Ordem, proferiu seus votos religiosos definitivos e, como de costume, os capuchinhos da instituição decidiram qual seria o tipo de atuação desses novos religiosos, função essa que realizaria por

toda a vida, seguindo seus votos professados. Ainda segundo Leite de Faria, a Ordem oferecia duas formas de atividade: a primeira, reservada aos que se mostravam mais aplicados intelectualmente, era a nomeação para serem pregadores, após estudos intensivos de filosofia e teologia; a segunda era a ordenação, sem direito a realizar pregações⁷. Cavazzi foi destinado ao segundo grupo

Por volta de 1645, era notória a ação dos feitos capuchinhos na Missão do Congo, principalmente após a publicação do texto do padre João Francisco Romano chamado a *Breve Relatione del successo della Missione de Frati Minori Capuccini al Regno del Congo* (em 1648), que trazia informações sobre o continente africano e as atividades religiosas implementadas pelos padres capuchos. Como essa obra teve grande divulgação nos conventos capuchinhos da Itália e alguns dos principais membros dessa primeira missão eram originários de Bolonha, Cavazzi também se sentiu motivado a partir para o continente africano.

Em 1649, aos 27 anos, Cavazzi pediu para ser enviado ao Congo. Leite de Faria salienta que o procurador-geral dos Capuchinhos, para quem a Sagrada Congregação da Propaganda Fide pediu o parecer, respondeu, após consultar o provincial de Bolonha, que o “suplicante era de boa vontade, mas de pouquíssima inteligência”⁸. Cavazzi foi aceito apenas na missão enviada em 1653. Esses mis-

⁵ Ibid., p. XLII

⁶ Ibid., p. XLIII

⁷ Ibid., p. XLV

⁸ Ibid., p. XLVI

sionários saíram de Genova e chegaram a Cádiz, na Espanha, em fevereiro de 1654, onde se juntaram a outros capuchinhos. Em 11 de novembro de 1654, chegaram a Luanda.

Todavia, um fato os impediu de aportar. Como trazia capuchinhos que não tinham passados por Lisboa, as autoridades administrativas portuguesas em Luanda questionaram a sua chegada, uma vez que estava proibida a presença de barcos estrangeiros nas possessões portuguesas sem a licença da coroa, que era paga em Lisboa. O capitão da embarcação que trazia os capuchinhos, o genovês João Baptista Pluma, alegava que tinha saído diretamente de Genova e não tinha parado em Lisboa devido à presença de navios inimigos. Então, o governador de Angola, Luís Martins de Sousa Chicorro, estabeleceu um processo sobre essas afirmações do capitão e ouviu os capuchinhos, sob juramento⁹.

Autorizado o desembarque, Cavazzi e os demais capuchinhos se dirigiram ao Hospício de Santo Antonio, em Luanda, onde foram recebidos pelo prefeito da missão dos capuchinhos na região. De acordo com Leite de Faria, não havia espaço para abrigar a todos e seis desses doze capuchinhos recém-chegados, dentre eles Cavazzi, foram encaminhados para Massangano, vila mais ao interior. Ainda em 1654 foi autorizado pela Propaganda Fide uma missão capuchinha em Matamba, à qual Cavazzi foi incorporado posteriormente:

Esteve em Muxima, em Massangano, em Cambambe, em Maupungo, capital do reino do Dongo, onde se deteve mais de um ano, de meados de 1655 a fins de setembro de 1656, na Ambaca, em Haco, no Libolo, (...), em Matamba, aonde chegou por vez primeira em fins de 1658 e aonde várias vezes voltou, tendo aí assistido à morte de rainha Jinga, em fins de 1663, e finalmente em Ganguela (...). Em meados de 1664, retirou-se doente para Luanda, donde fez, entre 1664 e 1666, uma rápida viagem ao Sonho, no Congo, e onde continuou até embarcar para a Europa.¹⁰

Cavazzi prosseguiu seu trabalho apostólico até que, em janeiro de 1667, o prefeito das missões do Congo e de Matamba veio a falecer. Ele, então, foi nomeado como vice-prefeito interino daquela missão. Quando o capuchinho Filipe de Sena chegou do Congo, Cavazzi entregou-lhe o cargo provisório e embarcou em setembro de 1667 com destino à Europa.

Antes de chegar ao seu destino, Cavazzi desembarcou na América portuguesa, onde ficou hospedado na casa dos capuchinhos franceses em Pernambuco. Apenas em outubro de 1668, conseguiu embarcar para a Europa, quando seguiu para Lisboa. Em Portugal, teve uma audiência com o então príncipe regente, D. Pedro, a quem entregou uma carta do rei do Congo, D. Álvaro III.

¹⁰ Para uma análise específica dos aspectos da natureza africana no texto de Cavazzi Cf. ALMEIDA, Carlos. *A natureza africana na obra de Giovanni Antonio Cavazzi – um discurso sobre o homem*. Disponível em: www.instituto-camoes.pt/cvc/ear/coloquio/comunicacoes/carlos_almeide.pdf. Acesso em 29 de ago. 2008.

⁹ Ibid., p. XLIII

Em fevereiro de 1669 embarcou para a Itália, chegando a Gênova em abril, de onde partiu para Roma. Lá, teve o acesso ao Arquivo da Propaganda Fide e ao Arquivo Geral dos capuchinhos, onde consultou várias cartas e relações de missionários de Angola, enviados para os superiores da congregação. Entre os anos de 1669 e 1672, se dedicou às pesquisas, baseado na sua experiência pessoal e em textos oficiais trocados dentro da sua Ordem.

Em 1672, a Propaganda Fide organizava outra ida de missionários capuchinhos para serem enviados ao Congo e Cavazzi foi nomeado o prefeito dessa missão. Em 1673 passou por Lisboa, onde o núncio lhe entregou uma carta do papa para o rei do Congo, na qual Clemente X recomendava o novo prefeito dos capuchinhos. Exercia essa atividade quando, em 1676, foi atingido por uma forte doença e retornou a Europa, onde faleceu em 18 de julho de 1678, aos 57 anos.

A Istorica descrizione de' tre' Regni Congo, Matamba et Angola, título original da obra em italiano, teria sido escrita no intervalo de suas atividades na África (1667-1673), baseada no grande material que o capuchinho teria acumulado durante os treze anos iniciais da missão. A obra foi editada pela primeira vez em Bolonha, em 1687, quase uma década após a morte de Cavazzi. De acordo com Leite de Faria, a *Istorica descrizione* teve uma rápida difusão. As traduções para vários outros idiomas indicam, também, uma grande receptividade da obra e a impor-

tância que aquele conhecimento reunido representou¹¹. Após a publicação do original de 1687, foi lançada uma segunda publicação em italiano, datada de 1690, com redução de informações e, conseqüente, menor tamanho. Também foram produzidas traduções e resumos em alemão e francês.

A edição portuguesa da obra (1965), na qual baseamos a nossa análise, é composta por 7 livros em 2 grandes volumes. A descrição da natureza africana (descrição detalhada das árvores, frutas, ervas e flores e os diversos tipos de animais), seus aspectos climáticos, tais como as estações do ano, e as características da agricultura compreendem a maior parte do primeiro volume da obra¹². No segundo volume, Cavazzi relata, mais detalhadamente, suas contribuições e a dos demais capuchinhos no processo de evangelização, tratando ainda de casos de conversões e resistências nas sociedades do Congo, Matamba e Angola.

É importante destacar que no século XVII, essas regiões africanas eram partes do império português no ultramar. Naquele momento, Portugal passava por profundas transformações políticas que causaram grandes tensões. Em 1640, as coroas ibéricas romperam sua unidade - permaneceram unidas por 60 anos - e uma das conseqüências da quebra dessa

¹¹ BOXER, Charles R. *O império marítimo português 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 244.

¹² ALENCASTRO, Luís Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 277.

aliança foi a excomunhão da coroa portuguesa pelo papado. Filipe IV, rei da Espanha, permaneceu com o domínio de várias regiões da Itália e também subjugava o papa, impedindo que a Santa Sé reconhecesse o governo português – D. João IV, por exemplo, não teve sua aclamação reconhecida pela Santa Sé¹³.

Até aquele momento o padroado português – combinação de direitos e deveres concedidos pelo papado à coroa portuguesa – era o grande responsável pelas missões católicas. Considerada como a patrona das missões eclesásticas católicas em diversos lugares do mundo, a coroa tinha amplo poder sobre os postos, cargos e benefícios eclesásticos nessas missões. Significa dizer que nenhum bispo podia ser nomeado sem a permissão do rei português, assim como nenhuma missão podia atuar sem sua autorização. Muitas vezes as ordens do rei português eram enviadas diretamente aos religiosos nas missões, passando por cima da autoridade dos membros católicos de Roma¹⁴.

Por sua vez, o papado também passava por mudanças significativas em sua atuação missionária. Em 1622, o papa Gregório XV criou a Sagrada Congregação de Propaganda Fide, buscando um maior controle sobre as missões religiosas, em detrimento do poder do padroado. A intenção era diminuir a interferência das coroas ibéricas no trabalho

de missionação, retirando do jugo do padroado português e do Patronato espanhol as decisões relativas à propagação da fé católica¹⁵.

A essas medidas de controle, a coroa portuguesa reagiu alegando que nunca havia proibido a atuação de missionários estrangeiros nas missões do padroado, desde que o fizessem autorizados pelo rei português e permanecessem submetidos à sua administração. Mesmo assim, o papado escolhia missionários não submetidos ao governo português e Cavazzi era um deles. Segundo Célia Cristina Tavares, as intervenções da Propaganda Fide estimularam sérios atritos e conflitos entre a Santa Sé e a coroa portuguesa em um contexto extremamente delicado, marcado pelo não reconhecimento da independência portuguesa por parte do papado - o que só ocorreria em 1669¹⁶.

É importante salientar que o período da atuação de Cavazzi na África compreendeu, justamente, a época de maior conflito entre os interesses do padroado português e do papado com relação aos controles das missões no ultramar¹⁷. Submetido à Sagrada Congregação da Propaganda Fide, Cavazzi escreveu amplamente sobre a missão dos capuchinhos nos reinos do Congo, Matamba e Angola.

¹³ TAVARES, Célia Cristina da Silva. *Jesuitas e inquisidores em Goa: a cristandade insular (1540-1682)*. Lisboa: Roma Editora, 2004. p. 206.

¹⁴ ALENCASTRO, Luis Felipe de, *op. cit.*, p. 261.

¹⁵ HEINTZE, Beatrix. *Angola nos séculos XVI e XVII: estudos sobre fontes, métodos e história*. Luanda: Kilombelombe, 2007, p. 135-136.

¹⁶ TAVARES, Célia Cristina da Silva. *Jesuitas e inquisidores em Goa: a cristandade insular (1540-1682)*. Lisboa: Roma Editora, 2004, p. 206.

¹⁷ ALENCASTRO, Luis Felipe de, *op. cit.*, p. 261.

Perante tal aspecto, percebemos a escrita da *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola* como um discurso de divulgação da Sagrada Congregação da Propaganda Fide. Um objetivo do texto, senão seu maior objetivo, era demonstrar a capacidade da ordem na conversão dos pagãos, ao mesmo tempo em que criava uma memória da obra missionária capuchinha naquele território e respondia às críticas do padroado português.

A vida de Cadornega e sua obra História geral das guerras angolanas

Antonio de Oliveira de Cadornega nasceu em Vila Viçosa, Portugal, por volta de 1610. Viveu um grande drama familiar quando sua mãe e irmã foram processadas pela inquisição, acusadas de praticar ritos religiosos judaicos. Antes desse processo, e devido a essa provável ascendência judaica, Cadornega e seu irmão, Manuel, partiram para a África na esperança de não serem perseguidos pela inquisição. Partiram para lá contra a vontade de seu pai, que tentara a vida em Buenos Aires, mas voltara empobrecido para Portugal¹⁸.

Cadornega e seu irmão partiram para Angola com o novo governador Pedro César de Meneses. Chegou a Luanda no ano de 1639, quando foi nomeado soldado. Seguiu na carreira militar até ocu-

par o posto de capitão – provavelmente nomeado em 1649 – e, posteriormente, assumiu funções na administração pública. Após um período sediado em Massangano, no ano de 1671 transferiu-se para Luanda, onde foi nomeado vereador da câmara inúmeras vezes e teria dado início à escrita de seu texto principal, *História Geral das Guerras Angolanas*.

Essa breve introdução biográfica explica a necessidade do militar em “provar” sua lealdade à monarquia lusa. Como cristão-novo e buscando compor a nobreza das áreas em que os portugueses estavam presentes, Cadornega estabeleceu a metodologia da escrita de seu texto. Por isso, tece elogios às ações portuguesas baseado em sua memória, no depoimento de outros companheiros – igualmente empenhados em nome da monarquia lusa - e de arquivos aos quais teve acesso em Angola.

Além de escrever um texto fundamental para a memória das ações portuguesas na região de Angola, Cadornega viveu nesses territórios no momento mais complicado no que se refere à implantação do domínio português. As disputas de poder entre reinos africanos, a presença holandesa e a ameaça de outras nações nas áreas de influência portuguesa foram fatores que colocaram à prova as disposições dos colonos em serem leais e prestarem seus serviços em favor da monarquia.

O principal tema tratado na obra é indicado no próprio título, *História geral das guerras angolanas*. Cadornega relata os diversos conflitos e dificuldades

¹⁸ HEINTZE, Beatrix. *Angola nos séculos XVI e XVII: estudos sobre fontes, métodos e história*. Luanda: Kilombelombe, 2007, p. 135-136

enfrentadas pelos portugueses, passando pelas “rebeldias” de chefes africanos e pela invasão holandesa em Luanda no ano de 1641. Essa invasão batava é ressaltada, e Cadornega enfatiza a vitória portuguesa, após 7 anos de batalha, obtida através dos grandes esforços dos portugueses e aliados que ali viviam. Principalmente, daqueles que viviam em Massangano.

Todavia, Cadornega não se detém na descrição das guerras que assolavam a Angola portuguesa, mas também traz relatos de particularidades do território, e de seus habitantes, além de abordar outros acontecimentos relativos à presença da administração portuguesa e a atuação missionária de religiosos, como jesuítas e capuchinhos.

Nossa análise não está baseada no manuscrito, e sim na edição de 1972, *fac-símile* da primeira edição da obra, realizada em Lisboa datada de 1940. Ela foi publicada em três volumes: os dois primeiros descrevem as campanhas portuguesas naquela região até 1680 e o terceiro trata mais de aspectos geográficos e etnográficos da Angola portuguesa. O próprio Cadornega, no início do primeiro volume da obra, afirma que seu texto tem a intenção de não deixar “cair no esquecimento a história da conquista portuguesa em Angola”. Nesse sentido, podemos dizer que o autor escreve com o propósito de criar uma memória da expansão portuguesa naquele território.

Como mencionamos anteriormente, seu texto só veio a ser publicado no século XX. Tendemos a acreditar, tal como

propõe Ronald Raminelli, que o contexto da Restauração e as guerras contra Castela foram determinantes para que não houvesse condições para tal¹⁹. Obviamente, a coroa portuguesa tinha preocupação em levantar informações sobre seus territórios ultramarinos, porém, os textos compilados por seus súditos tinham como maior intenção divulgar as informações ao rei, e não necessariamente obter publicação²⁰.

Semelhanças e diferenças entre os autores

É primordial salientar que Cadornega e Cavazzi pertenciam a lugares sociais diferentes. Enquanto um era militar, português e cristão-novo, o outro era missionário, italiano e, ao que tudo indica, oriundo de uma família nobre - ainda que seja impossível apontar se uma nobreza fidalga. Dessa forma, as características do texto e seus objetivos como autores são de grande importância para refletir sobre as semelhanças e diferenças de seus discursos.

A História geral das guerras angolanas destaca os diversos conflitos e dificuldades enfrentadas pelos portugueses para se estabelecerem em Angola. Os temas destacados por Cadornega são as oposi-

¹⁹ Cf. RAMINELLI, Ronald. *Viagens ultramarinas: monarcas, vassalos e governo a distância*. São Paulo: Alameda, 2008, p. 27.

²⁰ Ronald Raminelli salienta o quanto as compilações de informações de territórios coloniais portugueses eram também formas de obter mercês. Dessa maneira, o rei reconhecia essas informações como serviços prestados em seu nome. Cf. RAMINELLI, Ronald, *op. cit.*, 2008.

ções de chefes africanos, como a rainha Jinga, e a invasão holandesa em Luanda. O autor escreveu pautado na autoridade de ter vivido naquelas regiões.

Já a *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*, de Cavazzi, trata-se de uma narrativa de propaganda das ações capuchinhas. Apesar de o missionário contemplar informações fundamentais para a compreensão das sociedades daquelas regiões, não traz tantos dados sobre a administração portuguesa. No texto, são salientados os métodos de evangelização daqueles povos, as situações das missões religiosas e, sobretudo, os costumes caracterizados como “pagãos” e “bárbaros” daqueles africanos, exatamente para justificar a necessidade da missionação.

Como já mencionamos, Cavazzi viveu em Angola e esteve nas regiões de Muxima, Massangano, Cambambe, Embaca, Ganguela e Matamba. Apesar disto, não esteve, necessariamente, em todas as regiões que descreveu. Nesse caso, fez uso de relatos de amigos missionários, militares europeus e as tradições orais dos africanos. Sabe-se que em Luanda, por exemplo, o autor teve contato com o padre João Maria de Pavia, que lhe informou sobre São Salvador e Soyo (ou Sonho). O padre Antônio de Serravezza, por sua vez, teria lhe contado sobre Casanje e Bamba. Além disso, o capuchinho também consultou cartas e relações enviadas pelos missionários aos seus superiores, no Hospício de Santo Antônio, em Luanda. Logo, é possível destacar que a *Descrição histórica* se configura como

um verdadeiro mosaico de informações recolhidas.

Como mencionam acontecimentos anteriores à sua presença no continente africano, podemos dizer que os dois autores estão preocupados na criação de uma memória que legitimasse as suas presenças e as de suas instituições – os capuchinhos, no caso de Cavazzi, e a monarquia portuguesa, no caso de Cadornega. No que tange ao aspecto religioso, Cadornega ressalta as missões jesuítas, ao contrário de Cavazzi. Tal fato indica que o texto do missionário pode ser entendido também como uma tentativa de fortalecimento da Ordem dos capuchinhos dentro da Igreja Católica, visto que existiam vários outros grupos atuando nos territórios africanos²¹.

Na introdução do primeiro volume da *História Geral das Guerras Angolanas*, da edição de 1972, José Mathias Delgado considera que as informações escritas por Cadornega não têm precisão de data. Segundo ele, na fuga de Luanda em 1641, durante a tomada da cidade pelos holandeses, os portugueses teriam

²¹ É importante lembrar que esse texto foi escrito num momento de Contra-reforma. Michael Mullet atenta para a limitação do tema ao considerar as ações da Igreja católica como meras respostas às críticas protestantes. Ao pensar essas ações como um processo de “longa duração”, percebe-se uma reforma ainda mais ampla da Igreja, na qual pode-se considerar aspectos de fins da Idade Média até os séculos XVII e XVIII. Cf. MULLETT, Michael. *A Contra-Reforma e a Reforma Católica nos Princípios da Idade Moderna Européia*. Lisboa: Gradiva, 1985. Apesar disso, existiu um momento em que os grupos religiosos foram enviados em maior quantidade ao ultramar e precisavam divulgar seus feitos ao papado ou à monarquia portuguesa, período em que esses missionários escreveram massivamente.

levado os livros da câmara, mas tais documentos se perderam²².

Por isso, podemos afirmar que a grande fonte de informações do autor foi sua própria memória. Em menor parte, Cadornega utilizou livros de história e relatos de pessoas com as quais teve contato na região, além de alguns documentos que teve acesso no Senado da Câmara de Massangano. Nas passagens a seguir, podem-se notar declarações do autor sobre o uso de algumas dessas fontes:

[...] em Portugal e em Africa, conta sua emprezas [de Portugal] o Doutor Pedro de Maris em a recopilação das Cronicas dos Senhores Reys de Portugal João de Barros e Diogo de Couto e nas decadas que escreverão dos prosperos e adversos successos que em tempo do Governadores e Visreys da India houve em seus Governos naquelle estado e agora novamente recopilado e emendado com tanta elagancia e erudição por Manoel de Faria e Souza, onde se dá mais claras noticias pello que o discurso tempo mostrou. E agora escrevendo o General das Frotas do Brasil, e Governador que foi de Pernambuco Francisco de Brito Freire as guerras Brasilicas com tanta bizzarria e elegancia de verdade, só dos Reinos de Angola e suas Conquistas onde havia tanto que escrever, onde não houve menos successos prosperose adversos, depois que foi descuberto e se começou a Conquistar até o presente, sem haver quem tomasse esta empresa a sua conta [...]²³

[...] este Rey de Angola chamado pello

antigo Ngola aquilumangi, dizem algumas antigoalhas ou negros noticiosos procedera de um ferreiro que este gentio chama sua lingoa gangollas, e he couza que se não pode muito duvidar porque entre este gentio he officio muito estimado, e com elle se adquire muitos escravos [...]²⁴

Há alguém que diz que esta Rainha Jinga se veyo a bautizar a Loanda sendo ainda Infanta [...] e como isto he tão distante algumas trezentas legoas pello sertão

dentro o não fizemos affirmativamente, porque o não vimos, e o relatamos por informação de negociantes Pombeiros, que de lá tem vindo [...]²⁵

Na primeira passagem, o autor identifica as crônicas específicas que leu. Na segunda citação é possível perceber o uso de alguma tradição africana ouvida pelo autor e a qual reafirma a credibilidade da informação, através da preocupação em destacar que é “algo em que se pode confiar”. Na terceira, dá menos credibilidade ao acontecimento relatado, pois não teria visto, e sim ouvido de “negociantes pombeiros”. Além dessas referências, Cadornega também faz referências a textos de Sêneca e a poemas de Camões²⁶.

Analisando a obra de Cadornega, Beatrix Heintze salienta que, para os acontecimentos a partir de 1639, há maiores detalhes, pois o autor passou a estar na região e testemunhar diversos

²² In DELGADO, José Mathias. *Prólogo do anotador*. In CADORNEGA, *op. cit.*, Vol. I, 1972, p. IX - X.

²³ CADORNEGA, *op. cit.*, Vol. I, 1972, p. 9

²⁴ Idem, p. 25.

²⁵ CADORNEGA, *op. cit.*, Vol. II, 1972, p. 430.

²⁶ Citação de Camões Cf. CADORNEGA, *op. cit.*, Vol. I, 1972, p. 41; Citação de Sêneca Cf. CADORNEGA, *op. cit.*, Vol. I, 1972, p. 04.

fatos. Ainda segundo Heintze, Cadornega tinha uma grande preocupação em não aborrecer o leitor, desculpando-se quando estava sendo muito prolixo relatando um mesmo acontecimento. A autora evidencia que o estilo do texto caracteriza-se por frases extensas, mal estruturadas e nem sempre compreensíveis, o que faz com que sua leitura seja muito difícil²⁷.

A preocupação em entediar o leitor também existe no caso de Cavazzi e é possível de perceber em algumas passagens como “Não julgo necessário falar de muitas outras, distintamente conhecidas pelos Muxicongos, para não tornar essa narração muito enfadonha e por ter desenvolvido bastante a descrição das mais prejudiciais.”²⁸ ou “Para evitar o enfado da prolixidade, descreverei só uns quantos peixes mais singulares, escolhidos entre muitos que povoam as águas destas regiões.”²⁹ Ou seja, há uma seleção das coisas que são mais importantes e merecem ser detalhadas e aquelas que devem ser apenas indicadas.

Ainda sobre o texto de Cavazzi, alguns documentos nos indicam a pesquisa realizada pelo capuchinho para a realização do texto. Em carta enviada ao secretário da Propaganda Fide, datada de 21 de janeiro de 1669, Cavazzi menciona que está escrevendo a “descrittione” que lhe foi imposta. Nessa época, Cavazzi estava de volta à Itália, após 13 anos de missão no continente africano, e havia solicitado vários documentos para possi-

bilitar sua pesquisa. Dentre eles, estavam a “[...] copia dos Decretos de Litígio da Sagrada Congregação com as facultades, e instruções dadas ao R. P. Ludovico Cesare Augustino, Capuchinho, no ano de 1618, das duas bulas papais do Papa Paulo V e de Urbano VIII, escrita ao Rei do Congo [...]”³⁰.

Dessa maneira fica comprovada a consulta realizada pelo capuchinho nos documentos oficiais que pertenciam ao arquivo da Propaganda Fide. Eles serviram para que o autor compreendesse melhor o início da atividade capuchinha nas regiões africanas – daí o interesse nas bulas papais escritas ao rei do Congo – e escrever sobre os momentos anteriores à sua atuação no continente.

A intenção era criar um relato das ações capuchinhas. Cavazzi revela, em carta destinada ao Cardeal-prefeito da Propaganda, que foi encarregado pelo Secretário, em nome do Cardeal-prefeito, de que “[...] deve dar-lhe, por escrito, não apenas do atual estado das Missões, mas ainda do passado, e dos progressos da nossa Santa Fé naquelas parte [...]”³¹. Ou seja, estava incumbido de escrever

²⁷ HEINTZE, Beatrix, *op.cit.*, pp. 145-146.

²⁸ CAVAZZI, *op. cit.*, Vol. I, 1965, p. 69.

²⁹ Idem, p.69.

³⁰ “[...]copia delli Decreti di contesta Sacra Congregatione con le facultadi, et istruzioni date al R. P. Ludovico Cesare Augustino, Capuccino, nel anno 1618, delle due bolle di Papa Paulo V e d’Urbano VIII, scritte al Rè del Congo [...]”. APF., SRC, Angola, vol. I, fl. 160 In BRASIO, Antonio. *Monumenta Missionaria Africana*. 1982, Vol. XIII, 2ª série, p. 106-107.

³¹ “[...] douesse dargli, per scritto, non solo del stato presente delle Missioni, mà ancora del passato, e de progressi della nostra Santa Fede in quelli parti [...]”. Carta do padre António de Montecuccolo ao Cardeal-prefeito da Propaganda - 6 de junho de 1671. APF., SRC, Angola, vol. I, fl. 180 In BRASIO, Antonio. *op. cit.*, p. 134.

sobre o passado e o presente daquelas missões, bem como dos progressos alcançados. Em outra carta, Cavazzi comunica que seu trabalho já estava pronto e pede licença para ir apresentá-lo em Roma. Tal licença não foi a única coisa que Cavazzi solicitou à Propaganda Fide por estar prestando o serviço de escrever sobre as missões na África. Ele solicitou também ajuda – apesar de não especificar de que tipo de ajuda se tratava – e licença de algumas atividades religiosas cotidianas, devido à fragilidade de sua saúde naquele momento³².

O capuchinho teria terminado de escrever a *Descrição histórica* em 1671 (conforme a data da carta em que ele comunica que a finalizou), mas ela só foi publicada em 1687, ou seja, 16 anos depois. Em carta de 28 de setembro de 1670, Cavazzi relata ao secretário da Propaganda Fide que não estava poupando esforços em conseguir as informações acerca da atividade capuchinha e que, por isso, a obra estava ficando muito grande³³.

Em contrapartida, desconhecemos documentação que possa ter solicitado que Cadornega escrevesse sobre as regiões africanas. Pelo contrário, em seu próprio texto ele evidencia que decidiu escrever por iniciativa própria, pois existiam vários relatos sobre os acontecimentos de Goa e do Brasil, mas faltava

um texto que contasse os sucessos portugueses em Angola.

Outra diferença, e essa é uma das mais evidentes, entre Cadornega e Cavazzi é a linguagem utilizada. Enquanto o texto do missionário é repleto de referências ao que caracteriza como a “barbárie” dos africanos e da presença demoníaca em seus costumes, o do militar é mais carregado em detalhes da geografia e meios utilizados pelos portugueses nas conquistas. Justamente por ter as ações portuguesas como centro de seu discurso, a crônica de Cadornega detalha mais o território e o relacionamento entre portugueses e os “sobas” africanos do que o texto de Cavazzi.

O tema dos “sobas” (ou sovas), por exemplo, aparece muito mais em Cadornega do que no texto do capuchinho. Enquanto o missionário trata dos sobas, em maior parte, quando se refere à administração “impura” – para utilizar o termo do capuchinho – dos africanos, o militar faz referência a esses chefes para explicar os limites geográficos dos reinos, explicando que os domínios dos “mani” ou “reis” africanos iam muito além da Mbanza (capital) e eram assegurados pelos seus “sobas vassalos”.

O texto de Cavazzi, principalmente no que tange às descrições da flora e fauna africanas, compila uma série de dicas de como tratar as doenças mais comuns e quais os animais mais perigosos. É, praticamente, um manual para futuros missionários, pois além dessas sugestões, enfatiza o comportamento que eles deveriam ter diante da inconstância dos

³² APF., SRC, Angola, I, fl. 161 In BRASIO, Antonio. *op. cit.*, p. 108-109.

³³ Carta do padre António de Montecuccolo ao secretário da propaganda – 28 de setembro de 1670. APF., SRC, Angola, vol. I, fl. 179 In BRASIO, Antonio. *op. cit.*, p. 122-123.

africanos na fé cristã. Isso é comprovado através de passagens como “Esses pretos praticam diversas superstições, e eu gostaria de não ter que as narrar, pois são ridículas; se o faço, é apenas para instruir os missionários, para que possam tirar os Pretos dos seus enganos.”³⁴ e “Entre tantos feiticeiros, um há que não mereceria ser lembrando, se esta omissão não prejudicasse o conhecimento necessário que eu, por meio deste escrito, pretendo dar aos missionários.”³⁵

Em resumo, podemos dizer que além de realizar uma história das missões capuchinhas Cavazzi aconselha os futuros missionários de sua Ordem a como agir naquele território e na conversão dos africanos. Já Cadornega está preocupado em construir uma memória das ações portuguesas na região e se detém mais em aspectos da administração do território angolano e das alianças e conflitos com os chefes africanos.

Uma semelhança entre os textos de Cavazzi e Cadornega são as imagens que compõem as obras. Para aquelas da *História Geral*, Beatrix Heintze elaborou reflexões interessantes. Segundo ela, o militar foi incentivado a fazer aguarelas³⁶ por um jovem pintor que foi para Angola já em 1680. Dessa maneira suas imagens foram criadas tardiamente e feitas de memória e, por isso, Heintze defende que seu valor como fonte etnográfica é menor do que as imagens contidas da *Descrição histórica*³⁷.

³⁴ CAVAZZI, *op. cit.*, Vol. I, 1965, p. 113.

³⁵ Idem, p. 201.

³⁶ São pinturas feitas com tintas diluídas em água.

³⁷ HEINTZE, Beatrix. *op. cit.*, p. 156.

Apesar de não sabermos se Cavazzi foi, de fato, o autor das imagens, certamente teve grande influência nas suas elaborações, uma vez que supervisionou e descreveu com detalhes sobre como as queria. A imagem era fundamental para a inteligibilidade daqueles novos lugares. Segundo Carlos Almeida essa preocupação esteve presente desde os primeiros passos da missão dos capuchinhos e a presença de pintores entre os religiosos enviados para o Congo é referida logo na segunda missão:

Com efeito, entre os membros da segunda expedição de missionários que chegaria ao porto de Mpinda (...) em 1648, conta-se um irmão leigo, aragonês, de nome Felix de Villar. É ele mesmo que refere, em carta que escreve aos Cardeais da Propaganda Fide, em Janeiro de 1650, pedindo autorização para regressar por se encontrar doente, que ‘yo he pintado para todas las misiones y aun sobran quadros y no ay mas que pintar, porque se an acabado los materiales’.³⁸

A circulação dos textos

Além de abordar as semelhanças e diferenças de lugares sociais dos autores e suas metodologias de escrita, é interessante pensar também as singularidades da circulação desses textos.

Para o caso da *Descrição histórica*, as várias traduções e resumos podem

³⁸ ALMEIDA, Carlos. *A natureza africana na obra de Giovanni Antonio Cavazzi – um discurso sobre o homem*. Disponível em: www.instituto-camoes.pt/cvc/eaar/coloquio/comunicacoes/carlos_almeida.pdf. Acesso em 29 de ago. 2008, p. 03.

servir de indicadores. Após a publicação do original italiano de Cavazzi, em 1687, seguiu-se outra datada de 1690, com redução de informações e, conseqüente, menor tamanho. Traduções e resumos em alemão e francês também foram realizados. Todavia, a tradução para a língua portuguesa surgiu apenas em 1965, mais de 250 anos após a primeira edição. Tal tradução foi realizada a pedido de entidades representativas do campo cultural e administrativo de Luanda e feita pelos capuchinhos que chegaram ali em 1948.

Na introdução crítica da edição portuguesa da obra, Leite de Faria explica essa tardia tradução³⁹. Como os portugueses estavam naquela região há muito tempo, já possuíam todas aquelas informações, o que implicaria na pouca utilidade desse livro, ao contrário daquelas que não estavam presentes ali, como franceses e alemães. Mesmo sendo uma hipótese plausível, esse argumento não basta. Considerando que na época da publicação do livro (1687) a missão capuchinha atuou naquela região com autorização da coroa portuguesa, e que existia receio e ameaça de ataques de outros europeus naquelas regiões, é difícil aceitar o desinteresse português em saber as informações que estavam sendo divulgadas sobre seu território no ultramar⁴⁰.

Nesse sentido, é possível acrescentar aos motivos de Leite de Faria – e fazer referência novamente – que o contexto da Restauração e as guerras contra Castela foram determinantes para que não houvesse condições para essa publicação⁴¹. Obviamente, a coroa portuguesa tinha preocupação em levantar informações sobre seus territórios ultramarinos, porém, os textos compilados por seus súditos tinham como maior intenção divulgar as informações ao rei, e não necessariamente obter publicação, como é o caso de Cadornega⁴².

Segundo Leite de Faria, no próprio ano de 1687, o *Giornale de' Letterati*, de Parma, realçou a utilidade científica e prática da obra de Cavazzi, assim como o fez a *Acta eruditorum*, de Leipzig, no mesmo ano. Em 1688, na Holanda, a *Bibliothèque Universelle et historique* o classificou como um livro interessante⁴³.

Em 1694 foi realizada uma tradução da obra para o alemão, lançada em Munique, sem o nome do autor e, em 1691, a *Istorica Descrizione* foi resumida em 80 páginas pelo conde Aurélio degli Anzi. Em 1732, o dominicano Jean Baptiste Labat publicou uma tradução francesa, organizada em 5 volumes e com diversas modificações. Em 1828 foi realizada ou-

³⁹ LEITE DE FARIA, *op. cit.*, p. XXII.

⁴⁰ Luiz Felipe de Alencastro compreende essas ações de vigilância portuguesa como uma “paranóia lusitana”. O desembarque de uma missão capuchinha em Angola, por exemplo, foi vista como uma ameaça, já que havia boatos de que o chefe da missão, frei Francisco de Pamplona, comandaria uma invasão em Luanda com um exército de 11 mil espanhóis a fim de expulsar os portugueses.

Tal boato decorria do fato de Pamplona já ter sido general de Castela e próximo ao rei Filipe IV. Cf. ALENCASTRO, Luis Felipe de, *op. cit.*, p. 261.

⁴¹ Cf. RAMINELLI, Ronald, *op. cit.*, p. 27.

⁴² Ronald Raminelli salienta o quanto as compilações de informações de territórios coloniais portugueses eram também formas de obter mercês. Dessa maneira, o rei reconhecia essas informações como serviços prestados em seu nome. Cf. RAMINELLI, Ronald. *op. cit.*, 2008.

⁴³ LEITE DE FARIA, *op. cit.*, v. I, 1965, p. XII.

tra tradução para o francês feita por C. A. Walckenar e, em 1863, surgiu um resumo em alemão feito por H. Külb⁴⁴.

Sobre a influência de Cavazzi, e considerando a repercussão das traduções e resumos da sua obra, Alencastro identifica alguns autores que o teriam lido, como Marquês de Sade e Hegel. Segundo ele, a narração que o capuchinho realizou sobre a rainha Jinga permeou alguns dos textos desses célebres autores, para ilustrar temas filosóficos e morais. O escritor francês Marquês de Sade (1740-1814) acreditava na correlação positiva entre crueldade e sensualidade e tomou Jinga como exemplo para expor a diferença entre crueldade irracional e a crueldade erótica, em sua peça *La philosophie dans Le boudoir* (1795). Dessa maneira, Sade considera Jinga como detentora de uma “crueldade erótica”, somente “conhecida dos seres extremamente delicados”. Já o filósofo alemão Hegel (1770-1831), em suas aulas sobre a Razão na história (1822-1823), menciona o “horroroso” reino de Jinga e as “leis terríveis” que vigoravam nesse “Estado feminino” para tirar conclusões sobre os costumes dos africanos e dos negros em geral⁴⁵.

Alencastro menciona também um soneto do português Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), produzido em 1792, no qual Jinga também é citada e salienta que, na maior parte dos casos, os aspectos negativos se sobrepõem aos positivos, sendo a rainha sempre repre-

sentada como alguém “do mal”:

Preside o neto da rainha Jinga
À corja vil, aduladora, insana
[...]
Lembrou-se no Brasil bruxa insolente
De armar ao pobre mundo estranha peta
Procura um mono, que infernal careta
Lhe faz de longe, e lhe arreganha o dente
[...]
Conserva-lhe as feições na face preta;
Corta-lhe a cauda, veste-o de roupeta
E os guinchos lhe converte em voz de gente.
Deixa-lhe os calos, deixa-lhe a catinga;
Eis entre os Lusos o animal sem rabo
Prole se aclama da rainha Jinga⁴⁶.

Alencastro recorda também a descrição de Jinga nas congadas brasileiras e na cultura popular negra nos Estados Unidos. Nas congadas, cantadas até os dias de hoje, a rainha é celebrada como uma grande guerreira, mas, por vezes, como um elemento demoníaco. Nos Estados Unidos, muitas meninas negras costumam ser batizadas com o nome Jinga, além de citações feitas à rainha em músicas⁴⁷.

Diferente do texto de Cavazzi, o de Cadornega foi conservado como manuscrito até 1940. Por isso, é de grande valia fazer uso as reflexões do historiador Fernando Bouza sobre o papel desse tipo de texto nas sociedades ibéricas durante o século XVII. Segundo Bouza, a circulação de livros impressos era muito grande, principalmente com fins propagandísticos da nova dinastia, após a restauração portuguesa. Todavia, enfatiza que os

⁴⁴ Ibid, p. XVI-XXII.

⁴⁵ ALENCASTRO, Luis Felipe de, *op. cit.*, p. 280.

⁴⁶ Idem, p. 280-281.

⁴⁷ Idem, p. 281-282.

manuscritos também eram “populares” e que seu uso permaneceu mesmo após o contínuo crescimento das impressões. Bouza ressalta também a utilidade política que os manuscritos ainda possuíam, fato que estimulou a criação de arquivos que os nobres muitas vezes colocavam à disposição dos cronistas⁴⁸.

José Mathias Delgado teceu considerações importantes sobre a circulação do manuscrito de Cadornega. No final do ano de 1683, o texto já estava em Lisboa e em 1741 partes do manuscrito estavam na livraria do Conde de Ericeira, D. Luis de Menezes. Depois, foram para a livraria do convento de Nossa Senhora de Jesus, atual Academia das Ciências. No catálogo dessa livraria, realizado em 1826 pelos religiosos do convento, está registrado que existia apenas o primeiro e o terceiro tomo. Delgado faz referência à Diogo Barbosa Machado que teria afirmado que Cadornega escreveu textos além da *História geral*, como:

- a História de todas as cousas que sucederam em Angola no tempo dos governadores que governaram depois da guerra até D. João de Lencastro. Folio; tomos 4
 - Compêndio da expugnação do Reyno de Benguela e das terras adjacentes. Folio.
 - Descrição da muito populosa e sempre leal villa Viçosa. Folio. Acabada em 1683. Foi dedicada ao Conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes.
- Destes manuscritos existe só o de vila

Viçosa na Academia das Ciências. Como fica dito, o autógrafo dos tomos I e III das Guerras angolanas está na Academia das Ciências, tendo o frontespício do I e os frontespícios de cada uma das 4 partes figuras e ornatos a aguarela; este último tem também outras pinturas de costumes, animais e frutos.⁴⁹

Delgado se refere também à existência de duas cópias do manuscrito dos 3 tomos, muito perfeitas e com excelente caligrafia: uma pertence à Biblioteca Nacional de Paris e outra está na livraria privativa da Academia das Ciências. Além dessas, Delgado menciona uma cópia do primeiro e segundo tomo existente na Biblioteca de Évora, mas que não seria um exemplar fiel.

Acreditando na popularidade dos manuscritos, podemos dizer que o texto de Cadornega, assim como o de Cavazzi, também pode ter encontrado diversos leitores apesar de não ter sido publicado imediatamente. Como Cadornega também trata da rainha Jinga, é possível ainda a hipótese de que os autores que mencionamos – Hegel, Bocage e Sade – tenham lido não necessariamente o texto de Cavazzi, mas sim o de Cadornega.

Fontes e bibliografia

Fontes

BRÁSIO, Antonio. *Monumenta Missionária Africana*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1982, Vol. XIII, 2^a série.

⁴⁸ BOUZA, Fernando. *Corre manuscrito: uma história cultural del siglo de oro*. Madrid: Marcial Pons, Ediciones de Historia, 2002, p. 22.

⁴⁹ In DELGADO, *op. cit.*, p. XV-XVII.

CADORNEGA, Antonio de Oliveira de. *História Geral das Guerras Angolanas*. Lisboa: Agência-geral do Ultramar, 1972. 3 vols.

CAVAZZI DE MONTECÚCCOLO, Pe. Giovanni Antonio. *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Tradução, notas e índices do Pe. Graciano Maria de Leguzzano. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. 2 v.

Bibliografia

ALENCASTRO, Luis Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALMEIDA, Carlos. *A natureza africana na obra de Giovanni Antonio Cavazzi – um discurso sobre o homem*. Disponível em: www.instituto-camoes.pt/cvc/eaar/colquio/comunicacoes/carlos_almeide.pdf. Acesso em 29 de ago. 2008.

ALMEIDA, Carlos. *A representação do africano na literatura missionária sobre o reino do Kongo e Angola*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, dissertação de mestrado, 1997.

BOUZA, Fernando. *Corre manuscrito: uma historia cultural del siglo de oro*. Madrid: Marcial Pons, Ediciones de Historia, 2002.

BOXER, Charles R. *O império marítimo português 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CARDIM, Pedro. Religião e ordem social: em torno dos fundamentos católicos do sistema político do Antigo Regime. *História das Idéias*, n.22, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GLASGOW, Roy. *Nzinga: resistência africana à investida do colonialismo português em Angola, 1582-1663*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

HEINTZE, Beatrix. *Angola nos séculos XVI e XVII: estudos sobre fontes, métodos e história*. Luanda: Kilombelombe, 2007.

MULLETT, Michael. *A Contra-Reforma e a Reforma Católica nos Princípios da Idade Moderna Européia*. Lisboa: Gradiva, 1985.

PROSPERI, Adriano. O missionário. In: VILLARI, Rosario (dir.). *O homem barroco*. Lisboa: Editorial Presença, 1995. pp. 145-171.

RAMINELLI, Ronald. Império da fé: ensaio sobre os portugueses no Congo, Brasil e Japão. In: FRAGOSO, João et alli. *O antigo regime nos trópicos*. A dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

RAMINELLI, Ronald. *Viagens ultramarinas: monarcas, vassalos e governo a distância*. São Paulo: Alameda, 2008.

SERAFIM, Cristina Maria Seuanes. *As Ilhas de São Tomé no século XVII*. Centro de História de Além-mar. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2000.

SILVA, Alberto da Costa e. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

Submetido em: 13 de Julho de 2010

Aprovado em: 8 de Setembro, 2010

